

EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos esta edição especial da revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea (PFC), dedicada ao III Simpósio Internacional de Psicopatologia Fenomenológica (SIPF), realizado em Fortaleza, entre 21 e 23 de agosto de 2025. Naquela oportunidade, a Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE) uniu-se ao Apheto, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, em torno de um tema que condensa a própria vocação desta tradição – *Ética, Crítica e Clínica: Movimentos da Psicopatologia Fenomenológica no Brasil e no Mundo*.

Não se trata da somatória de campos isolados, mas sim de três movimentos que se entrelaçam em um mesmo gesto. A ética da Psicopatologia Fenomenológica (PF), afinal, nasce do reconhecimento e da priorização da experiência vivida em sua singularidade, antes de qualquer enquadramento; a crítica se exerce no exame constante e questionamento dos pressupostos que organizam o saber psicopatológico e seus diagnósticos; e a clínica, em suas diversas possibilidades, é o lugar por excelência em que ética e crítica se encarnam no encontro. Nesta edição, estão reunidos uma coletânea de artigos originais, bilíngues, oriundos de algumas das palestras apresentadas no SIPF, bem como os resumos de pôsteres e das apresentações orais realizadas no evento – compondo, portanto, seus anais. Assim, na potência da escrita e da pesquisa, intentou-se percorrer esse triplo movimento (ético, crítico e clínico), ora demorando-se em um de seus tempos, ora atravessando-os por completo.

Inauguramos a edição com a apresentação dos artigos originais. Abrimos, não por acaso, com a reflexão de Jérôme Englebert sobre o inútil. Em *Pour une éthique, une critique et une clinique de l'inutile en psychopathologie phénoménologique*, o autor reivindica o valor daquilo que escapa à lógica utilitária, sustentando que a dignidade do humano não se mede por sua função ou desempenho – uma tomada de posição que é, ao mesmo tempo, ética, crítica e clínica. Em diálogo com essa abertura, Lucas Guimarães Bloc e colaboradores interrogam o lugar – ou o não-lugar – que a PF ocupa entre a Filosofia, a Psiquiatria e a Psicologia, mostrando como essa posição de fronteira é menos uma fragilidade que uma condição de sua força. André Domenici de Alencar prolonga esse questionamento para o campo social, examinando as relações entre

alienação social e transtorno mental, e recolocando a experiência psicopatológica em solo coletivo.

Da fundação ética, passamos ao exercício crítico sobre os próprios conceitos da clínica. Francisco Luan Carvalho e colaboradores debruçam-se sobre o agora (in)suportável da urgência psicológica, propondo a superação necessária da compreensão estritamente biomédica do sofrimento agudo. Igor Studart revisita as fronteiras nosológicas entre os sintomas obsessivo-compulsivos e as psicoses endógenas, reabrindo um debate clássico à luz da experiência vivida. E Flávio Guimarães-Fernandes retoma o emblemático *praecox feeling* e a incompreensibilidade empática na esquizofrenia, relendo-os a partir da descrição da intercorporeidade em Merleau-Ponty.

Ademais, a Fenomenologia sempre encontrou na literatura e na experiência amorosa um terreno privilegiado de investigação, e três artigos exploram essa via. Gabriel Engel Becher, entre Barthes e Merleau-Ponty, sustenta a possibilidade e os desdobramentos de uma Psicopatologia Fenomenológica do amor. José Henrique Sousa Luz tece considerações sobre o amor e o ciúme a partir de *A chave*, de Junichiro Tanizaki, mostrando como tal obra literária ilumina a experiência clínica. Já Martín Buceta parte da bela afirmação “viver é escrever o poema que somos” para pensar as ficções literárias como modos de constituição de sentido e identidade – proposição que ressoa, de modos distintos, em muitos dos textos desta edição.

O movimento culmina na clínica contemporânea, em sua relação com o corpo, o tempo e o mundo digital. Camila Pereira de Souza examina o fenômeno da ansiedade na cultura digital, em diálogo com a Fenomenologia clínica. Daniela Ceron-Litvoc propõe uma leitura fenômeno-estrutural do suicídio na adolescência, mostrando como a reconfiguração das quatro dimensões estruturais cria um terreno específico de vulnerabilidade, intensificado pelo mundo digital, e defendendo uma clínica que reconheça a crise existencial ao invés de negá-la. Thaís Gazotti, em *Um corpo nem para mim, nem para o outro*, moderniza o caso de Ellen West na figura de Hellena, recolocando as questões do corpo e da anorexia no horizonte das experiências de hoje. E Arlinda Moreno explora as possibilidades do olhar fenômeno-estrutural no acompanhamento psicoterapêutico de pessoas que vivem o adoecimento por câncer, lembrando que a finitude é também um tema central da existência.

Ao fim desta seção, em consonância com o caráter internacional do evento, apresentamos a tradução do consagrado artigo de Allan Køster e Anthony Fernandez, que introduz a pesquisa qualitativa fenomenologicamente fundamentada como investigação dos modos de ser no mundo. O texto oferece ao leitor brasileiro um instrumento metodológico para que a riqueza descritiva da tradição se traduza em pesquisa rigorosa.

Na sequência, teremos os anais do SIPF, que reúnem escritos capazes de evidenciar a vitalidade e a expansão contemporânea da PF no Brasil. Em consonância com o tema do evento, os trabalhos articulam investigações teóricas, pesquisas empíricas, revisões de literatura, relatos de experiência e estudos de caso, reafirmando o compromisso da área com uma compreensão do sofrimento psíquico centrada na experiência vivida e na singularidade dos modos de existir. Os estudos abordam fenômenos e categorias psicopatológicas clássicas – tais como ansiedade, esquizofrenia, mania, bipolaridade e esquizoafetividade –, ao mesmo tempo que ampliam o escopo da PF para questões contemporâneas relacionadas à corporeidade, identidade, gênero, sexualidade, obesidade, estética, vulnerabilidade social, religiosidade e violência contra a mulher. Também se destacam reflexões sobre diagnóstico fenomenológico, supervisão clínica, plantão psicológico, urgência psicológica, terapias expressivas e interfaces com a abordagem centrada na pessoa – evidenciando a pluralidade de cenários de pesquisa e intervenção debatidos no evento. Portanto, em conjunto, os trabalhos evidenciam um campo comprometido com a produção de conhecimento rigoroso, socialmente situado e eticamente orientado, reafirmando a potência da Fenomenologia para compreender e cuidar das múltiplas formas do sofrimento humano na contemporaneidade.

Reunidos, esses trabalhos dão corpo àquilo que o título do simpósio anuncia: os movimentos da PF no Brasil e no mundo. As vozes do Brasil, da Bélgica, da Argentina e da Dinamarca compõem, nesta edição, um mesmo gesto de pensamento: o de reconhecer, na singularidade de cada existência, a dignidade que nenhuma lógica utilitária esgota. Agradecemos, sobretudo, a todos os autores, participantes e organizadores que tornaram possível este encontro – em especial à parceria com o Apheto – que renova os laços de uma comunidade que cresce em pesquisa e em clínica. Agradecemos também ao corpo técnico da revista PFC e da SBPFE, que, com sua dedicação atenta, viabilizaram esta publicação.

Desejamos uma boa leitura!

Daniela Ceron-Litvoc – Presidente da SBPFE

Lucas Guimarães Bloc – Coordenador do Apheto

Os editores desta edição:

Fábio Luiz Socreppa da Fonseca

Flávio Guimarães-Fernandes

Gabriel Engel Becher

Lucas Guimarães Bloc